



Media Literacy nas plataformas digitais educacionais: proposta para a formação de professores¹

Jose Luis Bizelli²
Mariana Pícaro Cerigatto³

Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo

RESUMO

Os estudos sobre mídias e novas tecnologias na educação ganham espaço através de iniciativas que seguem uma tendência internacional de educação para a mídia e fomento da participação na cultura digital. Entretanto, faltam materiais pedagógicos e metodologias apropriados para atividades dessa natureza, as quais envolvem habilidades de leitura multimodal, conhecimentos técnicos específicos e formação de critérios de julgamento que não se limitem a criticar a cultura de massa. Neste contexto se insere o presente artigo, que propõe discutir a importância da criação de materiais educacionais para a alfabetização à mídia, em específico, à linguagem-não verbal, partindo da linguagem do cinema. Como na maioria dos cursos de formação de professores não há disciplinas que contemplem o estudo das linguagens da mídia, os autores propõem a EaD como solução viável para suprir essa falta de preparação.

PALAVRAS-CHAVE

Mídia-educação; Cinema; Linguagem; Formação de professores; EaD.

Introdução

A revolução das tecnologias da informação, que vêm se consolidando desde o final do século 20, remodela estruturalmente a sociedade e induz a imergência do informacionalismo como base material da sociedade em rede. O que caracteriza este momento histórico não é a centralidade de conhecimentos e informações, mas a aplicação deles para a geração de conhecimentos, dispositivos, processamentos e comunicação da informação, embutidos em um ciclo que alimenta a inovação e o uso tecnológico. De acordo com Castells (2002), a revolução tecnológica tem uma importância igual ou maior à da Revolução Industrial. As tecnologias se

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP), Campus de Bauru-SP, email: bizelli@fclar.unesp.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP), Campus de Bauru-SP, email: maricerigatto@yahoo.com.br



tornam ferramentas indispensáveis para a produção de riqueza, no exercício do poder (BIZELLI, 2009) e na criação de códigos culturais.

O processo de informacionalismo se torna base para a mudança do cenário da economia e introduz uma nova sociedade da informação em rede ou do conhecimento. Além do informacionalismo – que determina a capacidade de produzir e competir dos agentes no novo cenário econômico, caracterizando-se por ser uma habilidade determinada pelo potencial de apropriação inteligente da informação que gera conhecimento – Castells (2002) aponta que o mundo globalizado possibilita que todo o processo de produção e consumo seja realizado sem barreiras e em rede.

Neste contexto se insere o presente artigo, que propõe discutir novas formas de criação para materiais pedagógico, com recursos da plataforma EaD, sobre a linguagem cinematográfica, como estratégia de ensino para tópicos do currículo na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, fundamentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais 2000 (PCN), na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008) e em experiências internacionais. Esse material ganha importância em atividades de leitura e de escrita, na formação inicial e continuada de professores.

Media Literacy: metodologia inglesa para alfabetização às mídias

Para converter o trabalho com as novas tecnologias e mídias em conhecimento, existe o pressuposto de que a metodologia de alfabetização às linguagens das mídias da abordagem inglesa, o *media literacy*, é um caminho adequado para desenvolver um olhar crítico da mídia e que a tecnologia digital tem potencial educativo para a realização dessas atividades. Assim, o que se está discutindo aqui é a contribuição que pode advir da utilização das estratégias do *media literacy* para a formação do educador, sempre de acordo com os princípios norteadores da Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

Media literacy, Mídia-educação, leitura crítica dos meios, educomunicação e educação para a mídia são alguns dos termos usados para caracterizar uma área interdisciplinar do conhecimento que se preocupa em desenvolver formas de ensinar e aprender aspectos relevantes da inserção dos meios de comunicação na sociedade. Assim, a “literacia em mídia” é o resultado esperado dessas ações pedagógicas, que envolvem, necessariamente, a compreensão crítica e a participação ativa. Especificamente na Inglaterra, o *Communications Act* de 2003 (a lei geral das comunicações) estabeleceu como uma das tarefas do *Ofcom*, órgão regulador de mídia neste país, promover a *media literacy*. De lá para cá, uma série de medidas estão sendo postas em prática, entre elas o fomento de programas de educação para a mídia em espaços de educação formal e não-formal.



Os argumentos que justificam a inclusão da educação para a mídia na vida contemporânea já são conhecidos: **1.** os meios de comunicação, em alguma de suas formas, ocupam posição central na vida pública de pessoas de todas as idades, em termos de trabalho, participação política, educação e entretenimento; **2.** o teor das mensagens nunca é transparente, isto é, como em outras esferas discursivas, o conteúdo veiculado pelas mídias transmite valores e pontos de vista sectários, querendo parecer universais; **3.** a participação social requer também pessoas hábeis para lidar com as mídias, que saibam, ao mesmo tempo, defender-se de efeitos nocivos e tirar proveito daquilo que lhes convém, como consumidoras e como cidadãs.

Seguindo a perspectiva de um novo paradigma pedagógico, não mais se sustenta a idéia de mídia como direcionadora de opiniões, crenças e ideologias, nem como vazia de valores culturais. Diante do desenvolvimento contínuo e acelerado de novas tecnologias – as quais disseminam a fragmentação dos “olhares” sobre a sociedade – ganha força a idéia de que os jovens têm um papel crítico e consciente na produção de seu conhecimento, aspecto que é notado, inclusive, pela indústria midiática. “O novo paradigma não pretende agir como um escudo para proteger os jovens da mídia e conduzi-los para coisas melhores, mas sim torná-los habilitados a tomar decisões mais informadas para seu próprio interesse”. (BUCKINGHAM, 2003, p.13).

É preciso entender que existe conteúdo educativo em qualquer texto midiático, que pode e deve ser explorado em sala de aula. De acordo com Hall e Whannel (1964), até o seriado de TV mais simples usa técnicas de composição artística da linguagem audiovisual: roteirista e diretor precisam compor personagens e desenrolar da ação, selecionar aspectos da vida que irão alimentar a trama, explorar alguns aspectos e comprimir outros, conferir uma textura humana ao enredo. O modo como esses filmes ou programas estabelecem relações com a realidade é que deve ser estudado. Na prática, essas relações se dão através do formato e do estilo.

Mas qual o principal referencial para levar o estudo das mídias e tecnologias para sala de aula, além do *media literacy*? Ao analisar as bases legais dos Parâmetros Curriculares Nacionais 2000 (PCN), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB/1996) e a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), é possível localizar justificativas que apontam a necessidade de se trabalhar a mídia e seus gêneros na sala de aula, utilizando-se das novas tecnologias. Para garantir tais finalidades, as escolas devem adotar metodologias de ensino diversificadas, priorizando aquelas que desenvolvem competências como raciocínio, comunicação e expressão, leitura e escrita, pensamento crítico e autônomo, criatividade e cidadania.

Ao estudar recursos da linguagem cinematográfica dentro da área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, permitimos o melhor domínio do sistema de códigos que sustenta tal linguagem. Não se trata de apresentar somente a linguagem da mídia aos educadores, e sim de possibilitar a apropriação dos elementos lingüísticos. O professor tem que ser provocado a



entender como funciona todo processo de produção cinematográfica, tanto do ponto de vista do receptor e do produtor, pois as atividades trabalham, além da leitura, a produção. É importante ressaltar que não se pode mais desvincular o eixo da produção (eixo poético), do eixo da recepção (eixo estético) e do eixo da crítica. Trabalhando esses eixos, e, segundo fundamentos do *media literacy*, já testados em pesquisa anterior (CERIGATTO, 2008), é possível adquirir um senso mais crítico, a partir do momento que se reflete os elementos que constroem a mensagem da mídia.

Limitações dos professores, escola e didática para a mídia-educação

Além da experiência internacional, sabemos que há tentativas de políticas públicas brasileiras promoverem o uso de mídias na educação e a inserção das tecnologias no ambiente educacional. Apesar disso, ainda faltam materiais pedagógicos e metodologias de trabalho apropriados para atividades dessa natureza, as quais envolvem habilidades de leitura multimodal, conhecimentos técnicos específicos e formação de critérios de julgamento que não se limitem a criticar o gosto do aluno pela cultura de massa.

No Brasil, mesmo em relação aos conteúdos tradicionais, como o ensino da Língua Portuguesa, ainda não foram concretizadas metodologias de ensino que garantam o desenvolvimento de certas competências comunicativas. O que pensar então sobre um campo emergente na educação, como o da educação às mídias e às novas tecnologias, para o qual se exige a competência dos professores e alunos? Como propor experimentações com diferentes linguagens e instrumentos de produção, a fim de despertar a sensibilidade e o sentido da observação, tanto de docentes como dos alunos?

As instituições escolares vêm enfrentando todas essas mudanças com crises e contradições: reformas, recursos insuficientes, desmotivação e má formação dos docentes para lidar com mídias e tecnologias. O fato é que a incorporação tecnológica na educação é insuficiente e lenta, principalmente diante da realidade que caracteriza o nosso país. Isso explica a pressão e a necessidade das mudanças. Está explícito na Proposta Curricular do Estado de São Paulo que os gestores, como agentes formadores, devem aplicar com os professores tudo aquilo que recomendam a eles que apliquem com seus alunos. E que a formação de professores é fator crucial para que se possa desenvolver os conhecimentos, habilidades e competências curriculares.

A formação universitária dos futuros educadores e gestores abriga, portanto, uma responsabilidade primordial. É no processo de construção da formação do educador que o audiovisual está em desvantagem, assim como no contexto da escola básica. A expressividade textual é ensinada se aproximando mais de uma postura passiva que inibe a criatividade dos



alunos. A importância da imagem é utilizada de maneira muito tímida, como mero recurso ilustrativo e devidamente legendada, para que não haja qualquer abertura quanto ao seu significado.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da ECA-USP, entre 1996 e 1998, envolvendo 15 escolas públicas, 1,2 mil educandos, de 3ª e 8ª séries, confirma a situação de leitura e escrita passiva no ambiente escolar. Foram analisados como os textos escolares e não-escolares circulavam na sala de aula. Citelli (2004) notou que nenhum conteúdo midiático era discutido em sala de aula, enquanto no intervalo, os dois grupos comentavam animadamente o capítulo da novela e a reportagem do jornal. Nessa perspectiva, “o mundo legal do discurso pedagógico parecia esconder a pluralidade das linguagens institucionais não-escolares, ou pelo menos não reconhecê-las e mesmo esquivar-se dela” (CITELLI, 2004, p. 161).

Em um trabalho anterior que utilizou a metodologia do *media literacy*, que contempla leitura e escrita de mídia, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Cerigatto (2008) obteve resultados que apontam o desenvolvimento de certas habilidades, como por exemplo o aumento da percepção crítica de alunos e docentes em relação aos conteúdos e conhecimentos produzidos através da indústria cinematográfica. Além disso, os participantes foram habilitados para utilizar *blogs*, *Youtube*, câmeras digitais e programas de edição digitais.

Criar um material educacional para o uso da mídia na escola sistematiza conhecimentos e serve de referencial para o professor. É sabido que já existe na rede pública estadual de São Paulo um projeto da Secretaria da Educação, veiculado pela Diretoria de Projetos Especiais (DPE) e da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), intitulado “Luz, Câmera... Educação!” (São Paulo, 2008), por meio do qual se disponibiliza material para o uso pedagógico do cinema na sala de aula, oferecendo DVDs às escolas de vários gêneros diferentes, além de um guia com propostas de atividades.

Na avaliação do material, constata-se que ainda falta uma conscientização da importância de se trabalhar para além da temática do filme. É preciso considerar o eixo da produção, ou seja, a apropriação dos elementos lingüísticos que compõem o filme para melhor fundamentar a análise crítica. Está na Proposta Curricular do Estado de São Paulo de Língua Portuguesa (2008): “para o trabalho com gêneros textuais torna-se necessário compreender tanto as características estruturais de determinado texto (ou seja, como ele é feito) como as condições sociais de produção e recepção, para refletir sobre sua adequação e funcionalidade” (p. 43).

A EaD como suporte para mídia-educação



São três as principais frentes de atuação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação, que se encontram assim delimitadas: a) o que se chama de educação às mídias (ou mídia-educação), que se centra no ensino e aprendizagem sobre a atuação dos meios de comunicação na sociedade; b) o uso instrumental das tecnologias na educação, conhecido como mídia educativa (ou tecnologia educacional); c) o uso da tecnologia para ensinar a distância, denominado de educação a distância (EaD).

Quanto à EaD, é preciso perceber as várias possibilidades que se abrem a partir da interatividade de plataformas digitais. O professor envia instruções aos alunos mediante o uso de tecnologia e recebe um retorno de forma imediata ou não. No entanto, apenas 20% dos lares brasileiros têm um computador conectado à internet, computador esse que hoje é o meio mais utilizado para difundir os cursos de EaD, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), de 2007, feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O próprio governo federal passou a dar ênfase à EaD devido aos elevados índices de analfabetismo e analfabetismo funcional existentes no país. Pesquisas revelaram que em torno de 1,2 milhão de brasileiros freqüentavam cursos desse tipo em 2006. (CASTRO, 2007).

Para Kearsley e Moore (2007), em um curso de educação a distância, é preciso analisar as mensagens educacionais a fim de determinar melhor a combinação de mídia e tecnologias necessárias para obter um aprendizado com qualidade. Assim, a seleção de uma tecnologia ou combinação de tecnologias deve ser determinada pelo conteúdo a ser ensinado, por quem deve ser ensinado e por onde o ensino ocorrerá.

Mas por que utilizar a EaD? Essa modalidade proporciona oportunidades para atualizar aptidões em novas áreas do conhecimento. A EaD resulta de mudanças importantes no que diz respeito ao próprio significado de educação e de como ela pode e deve ser (re)organizada. Possibilita muitas novas formas e oportunidades de aprendizado para um número grande de pessoas.

A EaD existe, de maneiras diversas, em todos os países do mundo que estão interessados na aplicação das novas tecnologias. Segundo Kearsley e Moore (2007), é preciso sempre relacionar que as mudanças tecnológicas estão atreladas a impulsos econômicos. Enquanto o custo de necessidades para determinados treinamentos tem aumentado, o custo de processo, armazenamento e transmissão de informações – através das TICs – tem diminuído.



E isso ocorre quando a necessidade para continuar a aprender visando a empregabilidade eficaz na era da informação, com o envelhecimento da força de trabalho, tem apontado um aumento da demanda por novos meios de acesso ao conhecimento” (KEARSLEY E MOORE, p. 313, 2007).

O principal impulsionador do desenvolvimento econômico, social e pessoal tem sido o acesso à informação e às aptidões necessárias para converter essa informação em conhecimento.

Programas de EaD que trabalham a alfabetização das mídias e tecnologias têm sido oferecidos a professores, tais como o “Mídias na Educação”, uma especialização oferecida pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com diversas universidades, que capacita educadores via web para utilizar os meios de comunicação em sala, e a TV Escola, que visa ao aperfeiçoamento de educadores, via televisão, com programação 24 horas.

Neste trabalho, utilizaremos plataformas digitais, como a ferramenta Moodle, servindo de suporte para criar o material pedagógico digital sobre a linguagem cinematográfica, seguindo a metodologia do Media Literacy. As atividades serão desenvolvidas na formação inicial de docentes em Letras e serão formuladas seguindo 6 técnicas pedagógicas propostas por Buckingham (2003), a partir da experiência inglesa: análise textual, estudo do contexto, análise de conteúdo, estudo de caso, tradução (de um livro para um filme, por exemplo) e simulação-produção.

As análises textuais e de contexto têm como objetivo principal “fazer do familiar, estranho”, para formar um ponto de vista crítico. Os alunos devem examinar padrões de linguagem e valores decorrentes do modo como as mensagens são organizadas. O estudo de caso e a tradução servem para explorar o modo como as mensagens midiáticas são produzidas e veiculadas. Finalmente, as atividades de simulação e produção priorizam a “escrita em mídia”.

Conclusão

A sociedade da informação redesenha as possibilidades de construção de relações sociais, rompendo e recriando identidades em alta velocidade. Enquanto a cultura local é bombardeada com conteúdos globalizantes, as TICs permitem a articulação, existência, convivência e trocas de aprendizagem de qualquer grupo social



que não encontre espaço territorial para se afirmar, reinventando a identidade de forma virtual.

Aprender e ensinar em um ambiente onde as novas tecnologias se apresentam como materialidade é o desafio que se postula à pesquisa e à prática pedagógica. Nesse sentido caminha o nosso trabalho, cujo objetivo central é promover a apropriação da linguagem cinematográfica, fazendo com que os professores identifiquem as possibilidades de interatividade, manipulação, combinação de informações e participação ativa através da apropriação da EaD, como estímulo à produção de material educativo interativo.

Conforme deixamos claro aqui, nós optamos por uma abordagem metodológica calcada nas referências do *media literacy*. Estamos criando oficinas com o intuito de, através dos recursos a distância, explorar a linguagem das mensagens do cinema em função das expectativas do público, contextualizando com outras áreas do conhecimento e com as práticas da indústria cultural. A hipótese é a de que o foco na análise sistemática da linguagem é um caminho produtivo para refletir sobre questões de representação, identidade, qualidade e gosto. O potencial e a usabilidade da EaD revelam, portanto, seu potencial pedagógico. O material será usado na formação inicial de licenciatura em Letras, e será dividido em oficinas de leitura e escrita do cinema, de acordo com princípios da Proposta Curricular do Estado de São Paulo, dentro da área de Código, Linguagem e suas Tecnologias.

Assim, buscamos contribuir para a formação de educadores mais atenta às possibilidades da alfabetização à mídia, em específico, à linguagem-não verbal, partindo da linguagem do cinema. Ferramentas fundamentais para o trabalho que estamos elaborando são as plataformas de EaD, as quais possibilitam vencer distâncias e interação com o público-alvo.

Referências bibliográficas

BIZELLI, José Luís. Estado, democracia e gestão da inovação. In: BIZELLI, José Luís (Org.) e FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira (Org.). **Governança Pública e Novos Arranjos de Gestão**. Piracicaba: Jacintha, 2009.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM)** - Resolução CEB/CNE nº 03/98. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 3 de ago. de 2009.



_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)** - LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 3 de ago. de 2009.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio 2000 (PCN)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 3 de ago. de 2009.

BUCKINGHAM, David. **Media education – literacy, learning and contemporary culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Trad. Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. V.1.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. **Media Literacy: estudando o trailer do cinema no Ensino Médio**. Trabalho de iniciação científica realizado junto à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Bauru, 2008.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: **A Linguagem em Movimento**. São Paulo: Senac, 2004.

HALL, S.; WHANNEL, P. **The popular arts**. Londres: Hutchinson Educational, 1964.

KEARSLEY, G.; e MOORE, M. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.